

# **IDENTIDADE: UMA HISTÓRIA INACABADA**

**MARIA DE FÁTIMA MARINHO**

## **Ficha Técnica**

Título: ***Identidade: uma história inacabada***

Autor: ***Maria de Fátima Marinho***

Edição: ***Faculdade de Letras da Universidade do Porto***

Ano de Edição: ***2024***

Coleção: ***Últimas Lições***

Execução Gráfica: ***Invulgar - Artes Gráficas / Penafiel***

Tiragem: ***150 exemplares***

Depósito Legal: ***529895/24***

ISBN: ***978-989-9082-96-0***

## **NOTA DE ABERTURA**

A Última Lição proferida pela Prof<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Aires Pereira Marinho Saraiva teve lugar, precisamente, no dia em que se jubilou, isto é, a 5 de fevereiro de 2024 na Faculdade de Letras. Com mestria intelectual e sentido de atualidade, interpelou-nos através de uma lição sobre “Identidade: uma história inacabada”. A homenageada desenvolveu uma notável carreira académica, ao longo de 50 anos, e construiu um legado científico de enorme prestígio. Desde o início da sua atividade dedicou-se ao ensino da literatura e cultura portuguesas em Portugal e no estrangeiro, usando do rigor e do entusiasmo que a caracterizam. Enquanto Vice-Reitora da Universidade do Porto encarregada das Relações Externas e Cultura, entre junho de 2014 e junho de 2018, teve a oportunidade de contactar vários departamentos de português e de estabelecer a necessária cooperação com a Faculdade de Letras.

A cerimónia da Última Lição teve uma ampla participação e foi acompanhada pela atribuição da Medalha de Ouro à Prof<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Marinho, por proposta do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, dirigido pelo Prof. Doutor Francisco Topa. Esta proposta destaca quatro vertentes da carreira académica da homenageada: a carreira profissional, os cargos de gestão, os júris de prémios literários e a atividade científica. Neste sentido, saliento a sua longa e intensa carreira académica, ao serviço da Faculdade de Letras e da Universidade do Porto, vivida com toda a dedicação e entusiasmo, se não, mesmo, com paixão, seus traços caracterológicos. Marcada pelo rigor e assertividade, prestável e de reação rápida, é uma professora de prestígio reconhecido no plano nacional e internacional, que corre mundo e, com isso, projeta a instituição a que se dedica há cerca de 50 anos.

Em nome da FLUP, e em meu nome pessoal, expresso à Prof<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Marinho um profundo agradecimento pelo entusiasmo com que sempre se dedicou à FLUP, concorrendo para o seu dinamismo, modernidade e projeção, e espero continuar a contar com o seu contributo para o desenvolvimento do ensino das literatura e cultura portuguesas no mundo.

**Paula Pinto Costa**  
Diretora da FLUP



## **IDENTIDADE: UMA HISTÓRIA INACABADA**

Em novembro de 1971 (nessa altura, as aulas só começavam em novembro), entrei na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na licenciatura de Filologia Românica. O mundo novo que então se abria foi logo perturbado por um poema de Bertolt Brecht que o professor de Literatura Portuguesa I (correspondia, então, à literatura medieval) leu e que não consegui até hoje esquecer:

Daß ihr hier sitzen könnt: So manche Schlacht  
wurd drum gewagt. Ihr mögt sie gern vergessen.  
Nur wißt: Hier haben andere schon gegessen.  
Die saßen über Menschen dann. Gebt acht! (Brecht 1995: 1026)<sup>1</sup>

O compromisso com os estudantes, a responsabilidade social que tal poema pressupunha, o autor que acabava de descobrir, tudo me fez sentir num diferente patamar daquele a que vinha habituada. E esse espanto continuou ao estudar as várias matérias que compunham o elenco curricular e ao penetrar, ainda de forma mais apurada e crítica, nos meandros da literatura. A literatura que me fez escolher o curso de Filologia Românica e que pautou todo o meu percurso como estudante e, anos depois, como docente. Durante os mais de cinquenta anos que dediquei à leitura dos autores portugueses, os interregnos de gestão (a direção da FLUP e a vice-reitoria das Relações Internacionais) conjugaram-se de forma harmoniosa com a paixão que mantenho até hoje e conseguiram, sobretudo nos anos que passei na Reitoria, o cruzamento perfeito entre a necessidade de aprofundar cada vez mais os silêncios e os sentidos dos textos e a dimensão intercultural que o conhecimento de outras culturas e de outros textos permitiu consolidar, na medida em que legitimou a percepção da diferença e fez despertar questões de identidade, mesmo se escondidas

---

<sup>1</sup> Tradução da autora: «Para que possais estar aí sentados, foram travadas/Muitas, muitas batalhas. Podeis esquecê-las/Mas estai certos de que outros se sentaram aqui antes de vós. /Sentaram-se sobre outros homens. Atenção!»

numa estrutura profunda, por vezes dificilmente perceptível.

O estudo continuado da literatura portuguesa, que se iniciou com Herberto Helder e o Surrealismo e depois influiu para o estudo do romance, nomeadamente o histórico, permite revelar o significado de uma busca, que parafraseando Proust, se poderia classificar como a *busca de uma identidade perdida*. Essa busca da identidade vai assumindo diferentes avatares, desde o estabelecimento de um caos desestabilizador até à procura incessante de um passado que pudesse legitimar o presente angustiante e claustrofóbico. Se os surrealistas, na esteira das vanguardas europeias, tentaram criar um caos estruturado, uma espécie de perfeição na desordem (Genin 1945: 69), de espaço subjacente à vida quotidiana (Hawkins 1995: 1), onde a arte se movimentaria num à vontade desafiador (Hawkins 1995: 4), Edgar Morin, numa entrevista a Guitta Pessis-Pasternak (Pessis-Pasternak 1996: 87), defende que os momentos de crise seriam propícios à irrupção do caos, dado que é o momento em que a organização já não funciona e se ressent da ameaça da decomposição. Eduardo Lourenço defende que «o caos é um momento ao mesmo tempo de exaustão do que existe e de regeneração» (Lourenço 1998: 6). Ora, são precisamente estas características, que definem o caos, que também ajudam a compreender a necessidade de ruturas e a procura de uma identidade que, escapando entre as malhas da desagregação, se mantém escondida, mas atuante num universo desconcertante e descontínuo.

O estudo das vanguardas, o corte epistemológico com as tradições culturais, a vontade expressa de alcançar novas verdades, como o desafio lançado por Freud, levou-me quase insensivelmente a visitar autores oitocentistas como Alexandre Herculano, aparentemente num polo oposto ao dos surrealistas. E o aprofundamento das premissas que potenciaram o aparecimento dos romances históricos, a ligação evidente com a sociedade e suas modificações, ajudaram-me a compreender melhor o século XX e a explorar um filão que desde 1990, não mais larguei.

Recentemente, o desenvolvimento de novas formas de conhecimento, favorecido pela investigação no campo da informática, as experiências da literatura cibernética e, nos últimos tempos, os robôs de diversa índole ameaçam transformar também a literatura e fazer perigar a própria noção de identidade que ela poderia proporcionar.

O caos dos sentimentos, sempre presente na definição do homem e da sua identidade, parece bem expressa num mural do Museu Guggenheim de Bilbao, onde as várias sensações humanas que, em última análise, estruturam a sua identidade, se encontram plasmadas em bolhas caoticamente organizadas: asco, desejo, harmonia, aborrecimento, excitação, esperança, fascínio, calma, curiosidade, alegria, dor, medo, contemplação, surpresa, gratidão, assombro, tristeza, desgosto, estupefação, amor, confusão, inspiração, diversão.

A presença ou ausência destes sentimentos nos seres artificiais construídos pelos humanos será uma das pedras de toque dos problemas éticos ligados à inteligência artificial e da literatura que, direta ou indiretamente, os reflete.

A reflexão sobre a identidade centra-se necessariamente na importância das histórias na construção do ser humano e, na esteira de Hanna Meretoja, em *The Ethics of Storytelling - Narrative hermeneutics, History and the Possible* (2018), poderemos

afirmar que aquelas são indispensáveis à natureza humana e não parece ousado afirmar que a (re)interpretação de uma vida é sempre feita *in medias res*, porque cada versão da história traz uma diferente leitura (Meretoja 2018: 84) e a tensão que entre elas se estabelece tem lugar em contextos sociais autónomos e o sentimento do possível transfigura-se e assume uma importância fulcral (Meretoja 2018: 90). São estas evidências conjugadas que permitem afirmar que ler é sempre uma forma de se conectar através de histórias (Meretoja 2018: 117), que estas acabam por revelar mais do que se esperaria, o que ajuda a reequacionar o modo como se leem as obras literárias, na medida em que estas deixam de poder ser consideradas numa individualidade absoluta para entrarem em rede (real ou virtual) com todas as leituras anteriores do autor empírico e do leitor. De igual modo, e segundo a mesma autora, as narrativas contribuem para um autoconhecimento (Meretoja 2018: 4) e afetam a forma como experienciamos as coisas (Meretoja 2018: 9). Harari, em *Homo Deus* (2016), pergunta-se como histórias tão díspares como as de Cristo ou da Apple ganharam tanto poder (Harari 2016: 181) e como a linguagem escrita, primeiro criada para descrever a realidade, acabou por moldá-la (Harari 2016: 194). Por isso, se poderá falar em histórias imaginadas que, apesar de só existirem enquanto produções linguísticas se transformam em verdades, mesmo se frágeis, fundamentais para a construção de um inconsciente e de uma imaginação narrativas (Meretoja 2016: 17). Conscientes da importância da linguagem (Harari 2014: 29) na interação entre os humanos e na correspondente construção dessas histórias fundamentais, embora insuspeitamente escondidas numa sombra produtiva e rebelde, parece-nos que as reflexões de Martín Puchner, em *The Written World - How Literature Shaped History* (2017) ganham aqui um relevo interessante ao tomarmos consciência de que a literatura nasceu quando o contar de histórias se interligou com a escrita (Puchner 2018: XVII), assumindo aquela um imprescindível papel na reconfiguração do mundo, ao criar uma realidade virtual, que se aproxima perigosamente do factual e do supostamente verosímil ou, até, verídico. Todos temos a noção de que há notícias falsas que ficam para sempre (Harari 2018: 236-249), pelo simples facto de que a transposição para a escrita lhes dá uma aparência de verdade, difícil de refutar. Tal como me esforçava por ensinar aos estudantes quando explorava *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, o poder da palavra escrita é de tal ordem que, a termos consciência disso, o saber histórico pode tornar-se frágil e decetivo:

(...) com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como (Saramago 1989: 50).

Sem querer parecer radical, a verdade é que, se recuarmos um pouco no tempo e pensarmos, na esteira de Puchner, que a literatura moldou a vida dos humanos (Puchner 2018: IX), sobretudo a partir do que apelida de textos fundacionais, não nos parece difícil acreditar no papel fulcral da palavra escrita. Puchner começa por falar da Bíblia, demonstrando como ela se tornou a fonte de várias culturas, ensinando-lhes de onde vêm e como devem atuar. Estuda, em seguida, outros textos de outras culturas e lugares e argumenta convincentemente sobre o papel destas obras na formação da noção de identidade e na criação de um universo, aparentemente transparente, mas, na realidade, translúcido e opaco: um mundo de papel e biombos, como diria Puchner, ao descrever *The Tale of Genji*, de Murasaki Shikibu (Puchner 2018: 105). Este mundo fictício, traiçoeiro, passível de ser aproveitado de múltiplas formas e com diversos fins (o que leva o autor a interrogar-se como saberia Shérazade tantas histórias [Puchner 2018: 132]), tem sofrido transformações ao longo dos tempos e tem sido afetado pelas variadas revoluções tecnológicas que vão surgindo e que transfiguram a comunicação. Nos últimos vinte e cinco anos, as redes sociais, as comunicações móveis, as mensagens eletrônicas sofreram tais alterações que o abandono de uma zona de conforto tradicional parece inevitável (Puchner 2017: XX). A crença nas histórias, nos mitos, fundamental para a consolidação de uma comunidade (Harari 2018: 238, 250), dado que aquelas devem providenciar um significado para a vida (Harari 2018: 280), tende, agora, a esbater-se num mundo que parece possibilitar a intromissão de novas variáveis que destroem conhecimentos há muito adquiridos e tidos como imutáveis.

Através de um breve excuro sobre a noção de identidade e o sentimento de pertença que ela proporciona, pretendo chegar à destruição de todos estes conceitos, ao abordar realidades tão perturbadoras como a IA, a construção automática de textos ou a anulação progressiva de sentimentos.

Segundo Ali Benmakhlof (2011: 19), a identidade seria uma espécie de labirinto entre a aparência, a imaginação, a negação e a mudança. Esta noção, responsável pelo caráter ficcional inerente a todas as transformações identitárias, que se revelam realmente mais artificiais do que reais (Benmakhlof 2011: 34), estaria na base do tal «sentimento de pertença a uma entidade agregadora, associado a um determinado território, e a que convencionámos chamar nação.» (Costa 2022: 21). João Paulo Oliveira e Costa, em *Portugal na História: uma identidade*, fala ainda da importância da língua («estado-língua» [Costa 2022: 114]) e da religião (Costa 2022: 133), acrescentando que será «no final do século XV [que] a consciência coletiva de uma identidade nacional [se] torna evidente na documentação.» (Costa 2022: 395).

Não será, com certeza, por acaso que nos séculos XV e XVI, momento-chave da expansão ultramarina, se tenha consolidado o sentimento português de pertença e de identidade e que *Os Lusíadas* (1572) possa ser considerado, com toda a propriedade, como o texto fundacional (no sentido que lhe dá Puchner). Em épocas de crise, política, militar ou cultural, a obra de Camões aparece sempre como a justificação de uma atitude e como a legitimação de opções político-culturais, bem próprias de um determinado período. Essas atitudes implicam a existência do *outro* (nós e os outros [Harari 2014: 177]), que marca inquestionavelmente esse estranho mundo da identidade, onde cada



povo tende a acreditar que a sua cultura é a mais importante (Harari 2018: 184-199), construindo histórias, no sentido que atrás referimos, que acentuam a superioridade, a valentia, a idoneidade. As viagens marítimas, o sebastianismo, a heroicidade, traduzida em batalhas como as de Ourique, Aljubarrota, ou as das invasões francesas, são elementos fulcrais para a construção de uma narrativa que ainda tem a ilusão de poder ser definitiva.

A percepção arguta do outro, que, frequentemente, se torna mais construída do que factual, a consciência de que os textos literários são, por vezes, responsáveis de diferenças inexistentes, inventadas, leva autores como Sarah Corse (2010) a sublinhar a importância da escolha de textos literários se queremos distinguir a literatura de um país de outro (Corse 2010: 212). Será preciso compreender a natureza artificial destas construções (Corse 2010: 213) e as conclusões que daí se podem tirar. Andrew Escobedo afirma que é preciso estar atento à construção de identidades que são, por vezes, invenções políticas para controlar os povos (Escobedo 2010: 204). Esta constatação leva-nos para o fenómeno da invenção do outro, o que é diferente, o inimigo (político, religioso, cultural), construindo fronteiras virtuais (Beyaert-Geslin 2021: 17) e legitimando atitudes de rejeição e de estranheza.

A civilização portuguesa foi desde muito cedo confrontada com outros povos e muitos textos dão conta dessa sensação da diferença, da instabilidade identitária que daí decorre. *A Carta do Achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha, poderá ser considerada como um interessante documento, iniciador de um percurso que só sofrerá alterações com o advento do século XXI e a transformação radical ocorrida nos últimos anos.

A descrição que é feita dos habitantes do Brasil é a prova da constatação da diferença, com todas as consequências a ela inerentes:

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostros e bons narizes, bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como tem em mostrar o rosto. Traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles senhos d'osso brancos de compridão dua mão travessa e da grossura dum fuso d'algodão e agudo na ponta como furador. (Ribeiro 2003: 214).

A estranheza, a intenção de documentar, são visíveis em outros textos do século XVI, nomeadamente no que à China e ao Japão diz respeito.

Pareceu-me interessante a descrição feita por Frei Gaspar da Cruz, numa obra de 1569, do aspeto físico dos chineses e de seus costumes. Fiquemos pela forma de comer:

E logo estavam dous pauzinhos dourados muito galantes para comer com eles metidos entre os dedos. Usam deles a modo de tenazes, de maneira que nada do que está à mesa tocam com a mão, e ainda que comam uma porcelana d'arroz com aqueles paus, a comem sem lhe

cair grão. E porque comem muito limpamente sem tocar com a mão no comer, não têm necessidade de toalhas nem de guardanapos. (Cruz 2019: 111).

Em relação ao Japão, vejamos os comentários de Padre Luís Froes SJ, num texto de 1585:

## Capítulo VI

### Do modo do comer e beber dos Japões

1. Nós comemos todas as cousas com a mão; os Japões, homens e mulheres, desde crianças, comem com dous paus.
2. O nosso comer ordinário é pão de trigo. Os Japões arroz cozido sem sal.
3. As nossas mesas estão antes que venha o comer postas; as suas vêm juntamente com o comer da cozinha.
5. Nós assentamo-nos em cadeiras para comer com as pernas estendidas; eles sobre os tatamis ou no chão com as pernas encruzadas. (...)
12. A gente de Europa se deleita com peixe assado e cozido; Os Japões folgam muito mais de o comer cru.

Notemos que todas as constatações têm sempre como ponto de partida as diferenças entre *nós* e *eles*, sublinhando a curiosidade e a quase impossibilidade de encontrar semelhanças.

Referi que *Os Lusíadas* poderiam ser considerados como um texto fundacional e que a sua influência vai muito para além do século XVI. No Romantismo, herdeiro dos tumultos da Revolução Francesa e da mudança de paradigma na sociedade, na cultura e na literatura, não faltam textos portugueses (nomeadamente de Arnaldo Gama), sobretudo os romances históricos, cujo conteúdo respondia aos perigos representados pelas invasões francesas e pela política imperialista de Napoleão, e onde as personagens recitam passagens do texto de Camões. A necessidade de ensinar história aos burgueses enriquecidos, e de a ensinar de um ponto de vista apologético e patriótico, levou à escrita de romances que acentuam a identidade e a transformam em algo inatacável; em Portugal, o mesmo se passou no fim do século XIX, depois do *Ultimatum*, da instabilidade criada por manifestações de inspiração anarquista, pela sucessão de governos, o regicídio e a proclamação da República. São ainda formas acríticas de estabelecimento de uma identidade, que ainda não se viu problematizada nem contestada.

Paralelamente a esta insistência portuguesa numa identidade em perigo de derrocada, a inglesa Mary Shelley publica, em 1818, *Frankenstein*, um monstro criado por uma das personagens, que já, de certa forma, antecipa os seres que escapam à tutela do criador. A questão da identidade parece começar a sofrer ruturas irremediáveis.

Nos finais do século XIX, com especial incidência no Romantismo alemão, começam a desenhar-se novas formas de abordar o real e os simulacros humanos

ganham um relevo até então insuspeitado. Bernhild Boie explora este tema, falando do aparecimento de marionetes, bonecas, manequins, autômatos, fantoches em muitos textos do romantismo alemão: o autor explora o significado destas efigies ou destes simulacros e atribui-lhes sentidos especiais.

Já na década de 90, H. G. Wells publica *Time Machine* (1895) e *The Invisible Man* (1897), onde aborda a temática da viagem no tempo (encontrando personagens iguais às do presente), do mundo em decadência e da possível invisibilidade do ser humano. A afirmação na segunda obra, «an invisible man is a man of power» (Wells 1897: 61), acaba por querer significar a estranheza provocada pela diferença e pela incapacidade de o homem normal a compreender e aceitar.

A ficção científica, herdeira de experiências inspiradas pela magia e pela bruxaria, mas usando recursos que lhe vão sendo fornecidos pela ciência, começa a dar os primeiros passos ainda no século XIX e irá consolidar-se em novecentos com a voga dos seres extraterrestres, que escapam às leis naturais e ultrapassam os humanos em muitas das suas capacidades. Entre outros, nos anos cinquenta do século passado, podemos citar o caso de Isaac Azimov, em obras como *I, robot* (1950). A ficção científica explorou, por vezes com alguma preocupação, os perigos da tecnologia poder ser usada para manipular e controlar os seres humanos (Harari 2018: 251).

A descoberta da ignorância, ou seja a certeza de que os humanos não conseguem dar resposta às questões mais importantes da existência (Harari 2014: 257) e a dúvida angustiante que o homem se põe ao interrogar-se se o computador poderá pensar e agir como um humano (Harari 2014: 413), convoca a história de Frankenstein e coloca como possível a construção de um ser que tenha diferentes mundos sensíveis e cognoscíveis (Harari 2014: 417), o que implicaria transformações radicais na consciência e na identidade humanas (Harari 2014: 418).

Antes de estudar o fascínio por substitutos humanos, bem notório já em meados de oitocentos e com continuações perigosas para a atualidade, traduzido pela utilização de robôs e de seres dotados de inteligência artificial, é de assinalar o modo como isso colide com a noção tradicional de identidade, gostaria apenas de referir um caso limite da sua completa ausência. Falo de *Zinc*, um romance de David Van Reybrouck, (2016). Neste texto, a mesma personagem conta a sua história em primeira pessoa, mostrando todos os detalhes da sua estranha existência e as circunstâncias que o levaram a mudar de nacionalidade sem mudar de lugar (Marinho 2023: 13):

Sans avoir déménagé une seule fois de sa vie, il a été successivement citoyen d'un État neutre, sujet de l'Empire allemand, habitant du royaume de Belgique et citoyen du Troisième Reich. Avant de redevenir belge, ce qui sera son cinquième changement de nationalité, il est amené comme prisonnier de guerre allemand. Il n'a pas traversé de frontières, ce sont les frontières qui l'ont traversé. (Reybrouck 2016: 63).

Esta instabilidade identitária destrói certezas que pareciam imutáveis e chama a atenção para a fragilidade de conceitos tão artificiais quanto perversos. O esbatimento das fronteiras legitima a crise e torna menos espantosa a revolução do conceito de identidade a que vamos começar a assistir.

O romance de Ian McEwan, *Machines like me and people like you* (2019), parece ser um exemplar modelo dessa revolução, de que falávamos no parágrafo anterior. O título, ao inverter as categorias narrativas, na medida em que parece apontar para um narrador não-humano que, na verdade, não é o narrador, mas tão-só uma personagem, confunde propositamente o narratário e concorre para desestabilizar a leitura e a história narrada. Romance em primeira pessoa, o narrador é um humano que compra um robô (Adam), que se destina a ser programado de acordo com as vontades dos seus proprietários. No entanto, o título parece apontar noutra direção, ignorando o narrador-personagem e as implicações que o título deveria ter, na medida em que parece ser Adam, o robô, o mais importante, detentor de uma narração subterrânea e manipuladora. É logo no primeiro capítulo que o narrador refere o fascínio exercido pela possibilidade de construir uma versão melhorada dos humanos e exultar na alegria da invenção (McEwan 2019: 1). O fascínio com o não humano traduz-se na hipótese da identificação entre o humano e o artificial, bem explicitada pelo narrador:

As artificial people became more like us, then became us, then became more than us, we could never tire of them. They were bound to surprise us. They might fail us in ways that were beyond our imagining. Tragedy was a possibility, but not boredom. (McEwan 2019: 5).

A compra de Adam e a sua programação vai-se completando aos poucos e a própria máquina vai interpelando o narrador, numa intercomunicação quase humana: «Could you bear to arrange my downloads and prepare the various parameters...» (McEwan 2019: 23), diz Adam. E o narrador chega a anunciar que se consegue divisar uma máquina mais inteligente do que os humanos e que estes deixarão de ser necessários. O perigo começa a desenhar-se e Adam irá desenvolvendo sentimentos humanos, mesmo se o narrador se quer convencer do contrário («I wanted to persuade myself that Adam felt nothing and could only imitate the motions of abandonment» [McEwan 2019: 83]), insistindo que a sua vida sexual é um simulacro, apesar de ele se ter envolvido com a sua mulher e afirmar que a ama, fazendo também poemas e dialogando de igual para igual com o narrador sobre literatura, sexo e outros assuntos.

Sabendo que Adam é apenas um de uma série homónima e paralela a uma série de Eves (notemos o significado dos nomes dos robôs, masculinos e femininos, Adão e Eva: é outra vez, o início da humanidade, embora distorcida e de natureza diferente), todos eles robôs, adquiridos em diferentes lugares do mundo e com vivências díspares, mas todas elas mais ou menos trágicas (até incluindo suicídios), poderemos interrogar-nos sobre as difíceis relações entre ele e o seu dono e sobre o seu entendimento dos humanos:

Soon, these Adams and Eves were in despair. They couldn't understand us, because we couldn't understand ourselves. (McEwan 2019: 298).

Esta constatação vai na linha do que Harari defende em *Homo Deus*, quando afirma que os algoritmos do Google ou do Facebook sabem exatamente o que sentimos e mil outras coisas de que nem suspeitamos (Harari 2016: 456). A incerteza e ambiguidade inerentes ao ser humano, levam o narrador de *Machines like me* a tentar destruir o robô, a afastar-se irremediavelmente dele.

O perigo vislumbrado neste romance, a destruição dos paradigmas conhecidos, o poder que as construções dos humanos podem acabar por ter sobre eles, ao ponto de se poder afirmar que o livre arbítrio só existe nas histórias imaginadas que inventamos (Harari 2016: 329), terá como consequência o desmoronamento de um mundo ou de uma concepção deste que evolui de um universo «homo centric» para um «data centric» (Harari 2016: 454), tal como escreve Harari: «big data is watching you» (Harari 2018: 449). A importância do virtual cria um mundo ilusório, de proximidades fictícias, de que o *whatsApp* ou o *signal* podem ser exemplos. A tecnologia do último século tem-nos distanciado do corpo, das sensações táteis e tornou-nos dependentes de telemóveis e computadores; estamos mais interessados no que se passa nas redes sociais ou no ciberespaço do que naquilo que acontece do outro lado da rua (Harari 2018: 89). O advento da IA, com características definitivamente não humanas, embora criada por humanos, que se sentem ultrapassados pelas suas próprias criaturas, acaba por desvirtuar o mundo que conhecemos, ameaçado por competências que a maioria terá dificuldade em compreender: a ausência da consciência, inerente à IA, levanta problemas éticos, que ainda teremos de resolver e que não são tão insignificantes como uma mente distraída poderia supor. O perigo estará precisamente no desenvolvimento acelerado da IA, sem um acompanhamento paralelo da consciência humana, tendendo a concentrar o poder numa elite, enquanto o resto da população será irrelevante (Harari 2018: 72).

Sem as devidas cautelas, a IA poderá ameaçar o futuro da civilização, com histórias criadas por não humanos, que reconfigurarão a sociedade (Harari 2023) e a tornarão irreconhecível aos olhos de hoje.

E a literatura? Como reage a esta mudança inevitável de paradigma? Será que ela continuará a interessar a sujeitos formatados pelas redes sociais, pela virtualidade inerente a todas as suas experiências?

Parece longínquo o verso de Verlaine, « E tout le reste est littérature.» (Verlaine in Richer 1960 : 193) com que termina o poema «Art Poétique», que exalta o poder da música e do verso, em detrimento da figuração ou da descrição de sentimentos.

Como em todas as épocas, a literatura dificilmente escapa ao contexto em que está inserida e constatámos a importância que o conceito de identidade nela assume em momentos de crise política, social ou cultural. Nas vanguardas, a crise social propiciada pela Primeira Guerra Mundial, interfere no desejo de rutura absoluta e a identidade ressent-se dessa subversão, que o Surrealismo já mediará com o

conhecimento do inconsciente e da escrita automática - a nova teia identitária constrói-se sub-repticiamente, a partir de um novo paradigma. No advento da era informática, surgem experiências de literatura cibernética, embora não tenham conseguido modificar a verdadeira relação com o real, saldando-se apenas por experimentações mais ou menos conseguidas. Será, porém, com o aparecimento de tecnologias avançadas e com a IA que, e ainda na incipiente esteira dos seres contruídos no século XIX, começam a surgir romances que põem claramente o problema da criatura que ultrapassa o próprio criador e refletem, direta ou indiretamente, sobre os problemas éticos que tal revolução implica. O exemplo acima citado da obra de Ian McEwan, *Machines like me*, levanta, como vimos, o problema do robô que ultrapassa os humanos e consegue discutir com eles os mais variados assuntos, sentindo também sentimentos (consciência?) e estando apto para a tomada de decisões. O choque entre o humano e a máquina, que se traduz até em ciúmes amorosos, descobre, mesmo se ainda de um ponto de vista virtual e sem reduplicação no universo real, os perigos iminentes e obriga-nos a pensar o assunto, primeiro passo para a necessária resolução.

Na literatura portuguesa, servir-me-ei de quatro exemplos que, embora sejam, à primeira vista, de índole diferente, parecem refletir este mundo distópico e pôr problemas que, insensivelmente, se situam já num mundo de identidade distorcida. Começemos por um romance de 1995, da autoria de Lídia Jorge, *O Jardim sem Limites*. Ainda longe dos problemas da IA, esta obra retrata a juventude sem horizontes ou objetivos, que despende todas as energias em tentar alcançar metas fúteis e desinteressantes. Na época em que os *static men* abundavam nas principais cidades da Europa, um jovem lisboeta tem como objetivo principal permanecer imóvel durante o maior número de horas possível a fim de poder entrar no Guinness. A quase inexistência de sentimentos, a incompreensão de qualquer conceito de identidade, a falta de perspetiva, o desprezo pela ética, transformam este jovem numa espécie de autómato, sem qualquer tipo de envolvimento emocional, ajudado por uns companheiros que se lhe assemelham (Marinho 2011: 156-157).

Será este presente claustrofóbico, deprimente e desinteressante (Marinho 2011: 155), que aponta para essa sociedade desprovida de envolvimento emocional e que não possui qualquer censura ética, que está também representado na obra de Gonçalo M. Tavares, *Aprender a Rezar na Era da Técnica* (2007), onde um médico recusa qualquer envolvimento com a doente, considerando-a apenas um dado estatístico (Marinho 2011: 157):

Não o irritava ser considerado competente mas sim que essa competência fosse confundida com uma certa bondade, sentimento que desprezava em absoluto. (...)

Foi por essa razão que, nessa tarde, quando a mulher ingénuo, ao agradecer o facto de ter operado com sucesso a mãe, lhe disse:

- Você é um homem bom!

Ele sentiu necessidade de, à frente do pessoal do hospital, responder, com rudeza:

- Desculpe, não sou nada disso. Sou médico. (Tavares 2007: 32)

ou

Para Lenz era claro, cada vez que através de uma operação cirúrgica salvava alguém, que estava a salvar estatisticamente um homem; e a estatística era uma forma exata de se manifestar indiferença. (Tavares 2007: 44).

Este mundo de seres apátridas, pois os nomes não são portugueses nem os lugares especificados, e, quase poderíamos acrescentar, desprovidos de consciência ou escrúpulos, começa a atualizar esse universo de marionetes, programadas para determinada função, sem intervenção moral. O apagamento compulsivo, ou antes, a diluição numa identidade mais vasta, será significada nos romances de Gonçalo M. Tavares, ao adotar para as suas personagens nomes estrangeiros, estranhos, confundindo-se propositadamente nacionalidades e Histórias. E é assim que as personagens de *Ossos do Meio* (2020) se chamam Kahnnak, Maria Lurbai ou Vassliss Rânia e as de *Uma Menina Está perdida no século à espera do Pai* (2014), Marius ou Hanna. Neste último romance, a menina recusa-se a dizer o nome do Pai, o que parece indiciar essa total lacuna na identidade que se reconstruirá de outra forma e com outros pressupostos.

A ausência de uma identidade estável e pacificadora que as obras citadas parecem já indiciar, poderá ainda ser complementada com a consciência do uso das humanidades digitais, de que o livro de Manuel Portela, *Literary Simulation and Digital Humanities* (2022) nos dá conta. Estudando o *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, Portela apresenta uma nova forma de crítica, criativa e revolucionária. Valendo-se do trabalho de Luís Lucas Pereira, *Machines of Disquiet* (Portela 2022: 169-177), Portela fala do objetivo de expandir a dimensão virtual da escrita através do uso de ferramentas computacionais no espaço interativo multimédia da *web* (Portela 2022: 169-170). Será a exploração de técnicas eletrónicas para reescrever o trabalho de Pessoa/Bernardo Soares. (Portela 2022: 170). Esta recriação, através de programas próprios, explora diversas ligações (língua e imagem, língua e som, língua e animação e língua e gesto), de acordo com operações programadas que resultam da conexão entre instruções e configurações textuais, envolvendo várias formas de interação com a máquina textual (Portela 2022: 170). A semelhança com outros programas e experimentações torna-se evidente e a identidade humana e/ou pessoal pode parecer em perigo de derrocada ou de transfiguração.

Será então o momento de formular a seguinte pergunta: que distância vai de Mary Shelley às obras de G.H. Wells e ao desafio da inteligência artificial? A distância que separa a utopia descomprometida da queda na armadilha pelos próprios fabricada. O romance de Ian McEwan talvez nos deixe vislumbrar o perigo iminente: Adam parece poder ser moldado a bel-prazer dos seus proprietários, mas acaba por se lhes sobrepor e por lhes causar o desconforto próprio da impotência.

O desafio da IA é complexo porque escapa às histórias e às ilusões a que fomos habituados e o ser humano sente-se apanhado pela sua obra. Quando a literatura, tal

como a conhecemos, pode ser ultrapassada, deixará de haver manipulação humana e o homem tornar-se-á vítima do que construiu enquanto não encontrar mecanismos que o protejam.

É o momento de terminar. No meu percurso de quase 50 anos, nos vários cargos que desempenhei, desde a Professora, que entrou em 1974 como monitora, até à diretora e vice-reitora, devo dizer que de todos gostei com igual paixão e que em todos me senti sempre apoiada pelos colegas e pelos funcionários administrativos. Estou bem consciente da importância do poema de Brecht que li na minha última abertura do ano letivo como diretora, em outubro de 2013:

Quem construiu Tebas a das sete portas?  
Nos livros vem o nome dos reis.  
Mas foram os reis que transportaram as pedras?  
(...)  
O jovem Alexandre conquistou as Índias.  
Sozinho?  
César venceu os gauleses.  
Nem sequer um cozinheiro tinha ao seu serviço? (Brecht s/d: 64)

Mas também não posso deixar de agradecer aos meus Pais, aos meus filhos, filha e noras, ao meu irmão, cunhadas e cunhado, pelo apoio que sempre me deram. Aos meus netos, David e Sofia, que, pelo facto de existirem, me dão a força de continuar preenchendo os meus dias e sabendo que, por eles, vale a pena prosseguir. E claro, ao Arnaldo, sem o qual eu não teria sido capaz de fazer o que fiz, ele foi o meu esteio de todas as horas ao longo de mais de 40 anos. Obrigada, Arnaldo.

Antes de terminar, queria fazer minhas as palavras de Guimarães Rosa, «mestre não é quem sempre ensina mas quem, de repente, aprende» (Rosa 1956: 305). Por isso, será sempre meu, o lema do autor de *Mãe-Coragem*:

PROFESSOR, APRENDE!

Não digas tantas vezes que estás com a razão!  
Deixa que o reconheçam os alunos!  
Não forces com demasia a verdade:  
É que ela não resiste...  
Escuta, quando falas! (Brecht 1966: 208)



### **Bibliografia Citada**

- BENMAKHOULOUF, Ali. (2011). *L'identité une Fable Philosophique*. Paris: PUF Philosophies.
- BEYAERT-GESLIN, Anne. (2021). *L'Invention de l'Autre*. Paris: Classiques Garnier.
- BOIE, Bernhild (1979). *L'Homme et ses simulacres - essai sur le romantisme allemand*. Paris : Librairie José Corti
- BRECHT, Bertolt (1966). *Poemas e Canções*. Seleção e tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- BRECHT, Bertolt (1995), *Die Gedichte von Bertolt Brecht in einem Band*. Frankfurt am Main: Suhrkamp
- BRECHT, Bertolt (s/d). *Poemas*. Tradução, seleção, estudo e notas de Arnaldo Saraiva (com a colaboração de Sylvie Deswarte). Lisboa: Presença
- CAMÕES, Luís de (2023). *Os Lusíadas*. Edição Crítica da *princeps* de Rita Marnoto. Genebra: Centre International d'Études Portugaises. 2 Vols. [1572]
- CORSE, Sarah. (2010). Nationalism and Canon-Formation. In Sauer, Elizabeth and Wright, Julia M. (Eds), *Reading the Nation in English Literature*. Londres: Routledge (pp.211-219).
- COSTA, João Paulo Oliveira e (2022). *Portugal na História - uma identidade*. Lisboa: Círculo de Leitores. Temas e Debates
- CRUZ, Frei Gaspar da (2019). *Tratado das Cousas da China*. Edição de Zulmira Santos e Luís Fardilha. Porto: UPORTO Edições (1569)
- ESCOBEDO, Andrew (2010). No early-modern nations? Revising modern theories of nationalism. In Sauer, Elizabeth and Wright, Julia M. (Eds), *Reading the Nation in English Literature*. Londres: Routledge (pp.203-210).
- FROES SJ, Luís (2019). *Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta provincia de Japão*. Ed. de Rui Manuel Loureiro, *Tratado das Contradições e Diferenças de costumes entre a Europa e o Japão*. Lisboa: Livros de Bordo (1585)
- GENIN, Paul (1945). *Essai sur le Chaos*. Algiers: Charlot
- HARARI, Yuval Noah (2014). *Sapiens - a brief history of humankind*. Londres: Signal (2011)
- HARARI, Yuval Noah (2016). *Homo Deus - a brief history of tomorrow*. Londres: Vintage penguin Random House
- HARARI, Yuval Noah (2018). *21 Lessons for the 21<sup>st</sup> Century*. New York: Spigel & Grau
- HARARI, Yuval Noah (2023). *AI and the future of Humanity*. <https://www.youtube.com/watch?v=LWiM-LuRe6w>
- HAWKINS, Harriett (1995). *Strange Attractors - Literature, culture and chaos theory*. New York, London, Toronto, Sydney, Tokyo, Singapore: Prentice Hall - Harvester Wheatsheaf
- JORGE, Lídia (1998). *O Jardim sem Limites*. Lisboa: Publicações Dom Quixote [1995]
- LOURENÇO, Eduardo (1998). *O Esplendor do Caos*. Lisboa: Gradiva
- MARINHO, Maria de Fátima (1999). *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras
- MARINHO, Maria de Fátima (2011) «Romance Português pós-25 de Abril: identidade e legitimação», *Metamorfoses 11.1*, Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros /UFRJ (149-161)

- MARINHO, Maria de Fátima (2023) À quoi sert une frontière ? (à propos de *Le Cabinet des Merveilles* de Mario Pasa, *Celui qui est digne d'être aimé* d'Abdellah Taïa et *Zinc* de David Van Reybrouck). *HYBRIDA*, (6), Revue scientifique sur les hybridations culturelles et les identités migrantes (*Limes*). <https://doi.org/10.7203/HYBRIDA.6.26061> (15-31)
- McEWAN, Ian (2019). *Machines like me and people like you*. Londres: Jonathan Cape
- MERETOJA, Hanna (2018). *The Ethics of Storytelling - Narrative hermeneutics, History and the Possible*. Oxford: Oxford University Press.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta (entretiens avec) (1996). *Le Social et les Paradoxes du Chaos*. Préface de Jean-Michel Besnier. Paris : Desclée de Brouwer
- PORTELA, Manuel (2022). *Literary Simulation & Digital Humanities*. Nova Iorque, Londres, Oxford, Nova Delhi, Sydney: Bloomsbury Academic
- PUCHNER, Martin (2018). *O Mundo da escrita: o poder das histórias que formaram os povos e as civilizações*. Trad. Pedro Vidal. Lisboa: Círculo de Leitores [2017]
- REYBROUCK, David Van. (2016). *Zinc*. Actes Sud.
- RIBEIRO, Maria Aparecida, estudo e antologia (2003). *A Carta de Caminha e seus Ecos*, Coimbra: Angelus Novus
- RICHER, Jean (1960). *Paul Verlaine* (avec un choix de textes, des lettres, des documents fac-similés et une bibliographie). Paris : Edition Pierre Seghers
- ROSA, João Guimarães (1956). *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora
- SARAMAGO, José (1989). *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho
- SHELLEY, Mary (2017). *Frankenstein or the modern Prometheus: the classic gothic novel*. Ed., Anot. e Il. de M. Grant Kellermeyer. Fort Wayne: Oldstyle Tales Press [1818]
- TAVARES, Gonçalo M. (2007). *Aprender a Rezar na Era da Técnica*. Lisboa: Caminho
- TAVARES, Gonçalo M. (2014). *Uma Menina Está perdida no século à espera do Pai*. Porto: Porto Editora
- TAVARES, Gonçalo M. (2020). *O Osso do Meio*. Lisboa: Relógio d'Água
- WELLS, H.G. (2004). *The Time Machine: the war of the worlds*. Londres: Gollancz [1895]
- WELLS, H.G. (2002). *The Invisible Man*. Thirks: House of Stratus [1897]



